

Jesus e sua escola de oração

Jesus não apenas foi um homem cuja vida estava profundamente imersa na oração como ensinou seus discípulos a orar. No capítulo 11 do Evangelho de Lucas, o evangelista nos narra que um dos discípulos veio até Jesus e lhe pediu que os ensinasse a orar. Jesus então, nesse contexto, ensina um modelo de oração – a oração do “Pai nosso” – bem como a necessidade de perseverança na oração e a bondade do Pai ao receber nossas orações (Lc 11.1-13). O que aprendemos aqui de maneira implícita é que é possível aprendermos a orar. Por mais que isso possa parecer esquisito tendo em vista a espontaneidade da oração, o fato é que Jesus ensinou seus discípulos a orar.¹

Vamos nos concentrar por ora no texto do Evangelho de Mateus, no capítulo 6, versos 5 a 8, onde Jesus ensina duas coisas cruciais para a vida de oração: a motivação da oração e o conteúdo da oração.

A motivação da oração

No Sermão do Monte, um dos blocos de ensino de Jesus mais famosos, a partir do início do capítulo 6 Jesus começa a mostrar como os discípulos devem realizar suas práticas de justiça, especialmente montando um contraste em relação à forma como os fariseus exercem suas práticas de justiça. Como Jesus deixa claro na sequência, a diferença não é exterior, mas interior, e Jesus dá três exemplos: esmolas, jejum e oração.²

A partir do verso 5 Jesus nos diz para não orarmos como os hipócritas, se referindo aos fariseus. Os fariseus eram um tipo de partido religioso do tempo de Jesus muito conhecidos de todo o povo. Eles eram muito admirados pelas pessoas em geral que pensavam que esses homens eram super-homens da religião judaica, pois eram grandes conhecedores das Escrituras e também se orgulhavam de serem observadores rígidos dos mandamentos. Contudo, Jesus constantemente denuncia que os fariseus fazem todas estas coisas não para agradarem ao Pai mas para serem glorificados pelos homens, e serem admirados por eles.

Jesus então ordena que o discípulo não ore em lugares públicos como os fariseus, e orienta que o discípulo entre em seu quarto e feche a porta para orar. O que está em questão não é o lugar da oração, mas a motivação pela qual oramos. Quais os motivos que nos levam a orar? No caso dos fariseus era de parecerem mais piedosos do que os outros. Uma motivação equivocada.

E nós, também podemos ter motivações equivocadas? É claro que sim. Podemos orar por medo, por hábito, por religiosidade, para nos sentirmos bem conosco mesmos acerca de nosso senso de justiça pessoal, para obtermos do Eterno coisas e favores. Como afirmou Brennan Manning, perdemos “a conexão entre a pureza interna de coração e as obras exteriores de devoção”.³

É crucial notarmos o verbo que Jesus utiliza para se referir ao Pai Celestial no verso 6: “O Pai Celestial, que vê em secreto...” (Mt 6.6). O Pai não apenas ouve nossa oração, mas vê nossas motivações que nos levam a orar. O Pai é capaz de sondar nosso coração e nos vê na ora de oração. Se podemos orar com a motivação errada, então qual é a motivação correta? O Senhor instrui que a motivação de orar seja pura, seja reta em nosso coração: ter relacionamento qualitativo com o Pai. Tomas Merton destaca que o que importa na experiência espiritual não são os sentimentos que podem ou não acompanhar-la, mas o “contato da realidade mais interior da pessoa criada com a infinita realidade de Deus”.⁴ João Calvino afirma que a primeira regra da oração deve ser que “estejamos preparados com tal disposição de mente e coração, como convém àqueles que entram em conversação com Deus”.⁵

¹ LEIFELD, WALTER L.: Luke. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke*. vol. 8. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1984, p. 946

² CARSON, D. A.: Matthew. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke*. vol. 8. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1984, p. 162

³ MANNING, Brennan. *O Evangelho Maltrapilho*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p.136

⁴ MERTON, Thomas. *A experiência interior*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.157

⁵ CALVINO, João. *As Institutas – Livro III (3a. Edição)*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p..320

Muitas motivações distorcidas podem nos levar à oração – barganha, medo, hábito religioso, culpa. Contudo, Jesus diz que um bom tempo de oração deve começar com a motivação adequada, deve começar com o motivo certo. Devemos nos lembrar do que T. S. Eliot afirmou ser o maior pecado de todos: “fazer a coisa certa pelo motivo errado”.⁶

O conteúdo da oração

É importante frisar que só o Espírito de Deus pode nos dar a motivação correta para a oração. Afinal, o Espírito Santo é que nos ensina a nos dirigirmos a Deus como nosso Pai (Rm 8.15). Logo, apenas o Espírito Santo pode nos levar a desejar ter uma comunhão íntima e verdadeira com o Pai, a motivação correta da oração.

Mas logo depois, Jesus começou a abordar com os discípulos o conteúdo da oração (Mt 6.7,8). Jesus diz para não usarmos de vãs repetições, como os gentios, que presumem que serão ouvidos por ficar tagarelando sempre as mesmas coisas. Bem, afinal o que está em jogo aqui? Afinal, não podemos orar constantemente pelas mesmas pessoas ou motivos? Claro que podemos, pois o próprio Jesus repetiu sua oração no Getsêmani (Mt 26.44) e nos ensinou a sermos perseverantes na oração (Lc 18.1).

O que está em jogo aqui é o conteúdo da oração, que não deve ser reduzido a um mero jogo de pedir e receber. Jesus diz para não orarmos como os gentios, ou seja, pessoas que serviam aos ídolos indo aos templos para fazer suas preces a essas falsas divindades. O que isso tem a ver? Bem, o lance é que essas pessoas não iam até os templos para se relacionar com esses deuses, mas para buscar favores nas mais diversas áreas da vida. Dependendo da necessidade, seria necessário pedir a um deus responsável por aquela área e havia um consenso de que era necessário pedir e repetir até que a divindade fosse compelida pela repetição.⁷

Novamente o problema é que o que estava em questão não era relacionamento, mas apenas o atendimento de uma necessidade. Pedir, pedir e pedir para finalmente receber. Jesus nos alerta para que nossos momentos de oração não sejam transformados em um balcão de pedidos e barganhas. Se você parar para pensar é uma grande tentação entrarmos no momento de oração para simplesmente agradecermos o que recebemos e pedirmos o que ainda precisamos sem sermos necessariamente pessoais, sem falar de nós mesmos, sem abrir nossos corações para conversar com o Pai.

O Mestre nos aponta o caminho para não reduzirmos o conteúdo da oração a uma tagarelice sem fim, nos assegurando que o Pai sabe tudo que temos necessidade antes que venhamos a pedir. Jesus não está dizendo para não pedirmos, já que, como bem observou Calvino, devemos orar pedindo ao Pai como expressão de dependência e para obter maior confiança, mas não devemos fazer do Pai um entregador de pizzas e nem da oração uma lâmpada mágica.

Mas então como moldarmos o conteúdo da oração? O que podemos orar? Ou por outro lado, sobre o que devemos orar? Primeiramente é preciso que compreendamos que “A oração [...] não é uma linguagem sobre Deus ou a fé; não é uma linguagem a serviço de Deus e da fé; é a linguagem para e com Deus em fé”,⁸ como nos ensina Eugene Peterson. Precisamos fazer essa transição para aprender a conversar com o Eterno, falar sobre nós, abrir nossa alma e nos deleitarmos nele na ora de oração.

Depois, precisamos aprender a orar com as Escrituras nas mãos. Dietrich Bonhoeffer afirma que é nos salmos que aprendemos o que é oração e como orar tanto individualmente como orar em comunidade.⁹ Ou seja, as Escrituras nos ensinam a orar, pois ali vemos diversas matizes de oração – da petição a intercessão – assim como vemos homens rasgando sua alma diante de Deus com toda a franqueza, como as orações ácidas de Asafe por exemplo (Salmo 63).

Eugene Peterson, em um livro absolutamente magistral, destaca como Jonas orou uma oração aprendida no ventre do peixe que o engoliu (Jn 2.2-9). Peterson destaca como mesmo naquela situação aflitiva Jonas orou recitando os salmos que foram a escola de oração dos profetas.¹⁰ Os salmos são a escola de oração do povo de Deus há dezenas de séculos e é com os salmos que aprendemos a orar.

Obviamente a oração ensinada por Jesus, conhecida historicamente como “Pai Nosso” (Mt 6.9-13 e Lc 11.2-4), é também nossa escola de oração. Ali aprendemos um modelo de oração que inclui elementos chave, como adoração, petição, gratidão, arrependimento e intercessão. A combinação entre a escola dos salmos e a oração do Senhor nos provê o caminho seguro para desenvolvermos o conteúdo de nossa vida de oração.

⁶ MANNING, Brennan. *O Evangelho Maltrapilho*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p.136

⁷ CARSON, D. A.: Matthew. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke*. vol. 8. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1984, p. 166

⁸ PETERSON, Eugene. *O Pastor Contemplativo: Voltando a arte do aconselhamento espiritual*. Rio de Janeiro: Textus, 2002, p.108

⁹ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão – 9a Ed.* São Leopoldo: Editora Sinodal, 2013, p.37

¹⁰ PETERSON, Eugene. *A vocação espiritual do pastor*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006, p.97